

o contágio

megan abbott

Tradução de José Saraiva



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para o meu irmão, Josh Abbott

Em toda a desordem [existe] uma ordem secreta.

CARL JUNG

A N T E S

— **A** primeira vez dói mais do que se pode imaginar. As pernas de Deenie não param de tremer, mas ela tenta escondê-lo, encostando os joelhos um contra o outro e firmando as mãos, quentes, nas coxas.

Há outras seis raparigas à espera. Algumas já passaram por aquilo, mas a maior parte está na mesma situação que Deenie.

— Disseram-me que às vezes chega a dar vontade de vomitar — diz uma. — Uma rapariga que eu conheço até desmaiou. Tiveram que parar a meio.

— É só uma espécie de queimadura — diz outra. — Depois ficas dorida durante uns dias. Dizem que à terceira já nem se sente nada.

Sou eu a seguir, pensa Deenie, só mais uns minutos e é a minha vez.

Se ao menos tivesse despachado aquilo no ano anterior. Mas já lhe tinham dito que doía imenso, e ninguém o tinha feito ainda, pelo menos ninguém que ela conhecesse.

E agora ia acabar por ser uma das últimas.

Quando a Lise sai, vem de rosto fechado numa careta, a apertar a barriga, e não pronuncia uma única palavra, limita-se a sentar-se e a cobrir a boca com uma das mãos.

— Não há nada a recear — diz Gabby, enquanto olha para Deenie.
— Eu não tenho medo.

E pega na mão de Deenie e aperta-a, os dedos dela quase a cravam-se na palma da mão da amiga, as mãos entrelaçadas a pressionarem as pernas dela com tanta força que estas param de tremer, e Deenie sente-se capaz de enfrentar qualquer coisa.

— Estamos nisto juntas — insiste Gabby, o que faz com que Deenie se concentre nos olhos da amiga, escuros e inflexíveis.

— Certo — concorda, e acena, animada. — Não pode ser assim tão difícil.

A porta abre-se.

— Deenie Nash — chama uma voz.

Quatro minutos mais tarde, tem a perna a arder, mas já está despachada. Já passou.

Enquanto sai do gabinete, os sapatos a prenderem-se na carpete, as pernas pesadas como chumbo, sente-se de cabeça leve, como se estivesse ligeiramente bêbada.

Todas as raparigas olham para ela, e o rosto de Gabby tem um ar grave e expectante.

— Não custa nada — diz ela, com um sorriso. — No fundo... não é nada.

1

T E R Ç A - F E I R A

A princípio, a cadeira de Lise parecia estar só a baloiçar. Os olhos de Deenie não a largavam, e seguiam-lhe o movimento. O vai e vem constante fazia-a sentir um ligeiro enjoo. Fazia-lhe lembrar qualquer coisa.

Estaria a Lise nervosa por causa do teste?

Na véspera, à noite, Deenie tinha passado um bom bocado a preparar-se para a prova; levava o portátil para a cama e passara várias horas debaixo dos lençóis, a olhar para as equações.

Não tinha a certeza de que se pudesse chamar àquilo estudo, mas tinha-a feito sentir-se melhor, apesar dos olhos secos por causa do brilho do monitor e do tique que ganhara a batucar com os dedos no lábio inferior. De algures do meio das suas roupas vinha um cheiro desagradável, estranho, almiscarado. Tinha-lhe dado vontade de tomar um duche, mas o pai era capaz de a ouvir e achar estranho.

Duas horas antes estava ela no trabalho, a deitar bolas de massa numa máquina e a espalhá-las em formas quadradas reluzentes de gordura. Lise e Gabby tinham aparecido, e tinham pedido os oleosos palitos de pizza, apesar de Deenie as ter avisado para escolherem outra coisa. Tinha-lhes mostrado o recipiente de plástico, cheio de margarina

derretida, que passava o dia todo ao pé dos fornos quentes. Tinha-lhes feito ver como o pessoal dos fornos untava os palitos com aquela gordura que mais parecia sabão, ou queijo velho.

Quando elas saíram, de sacos de papel na mão, já ensopados em óleo, desejou ardentemente poder ir com elas, fossem para onde fossem. Tinha ficado contente por as ver juntas. Gabby e Lise eram as suas melhores amigas, mas nunca pareciam muito confortáveis uma com a outra quando estavam só as duas.

Sean Lurie tinha chegado atrasado. Do seu posto junto aos fornos começou logo a usar as longas pinças metálicas com que trabalhava, manejando-as como se fossem espadas, mas não se esqueceu de a atormentar. Gozou com a forma como ela desenhava um elegante arco com a mão sempre que pegava numa bola de massa, como se estivesse a segurar um gatinho. E com a maneira, disse, como ela punha ligeiramente a língua de fora, de cada vez que esticava a massa.

— Tal e qual a minha irmã mais nova, — brincou ele, — com a sua plasticina.

Ele era finalista no Star-of-the-Sea, tinha cabelo escuro desgrenhado, e era muito alto. Nunca usava o boné, muito menos a rede para o cabelo, e tinha um sorriso trocista que a fazia apertar as fitas do avental e ajustar melhor o boné na cabeça.

O calor dos fornos fazia a pele dele reluzir.

Ela pouco se importava com o suor. Fazia parte das coisas.

Era um bocado como ver o irmão depois de um treino de hóquei, o cabelo escuro todo molhado e o rosto afogueado — ela brincava e gozava com ele, mas aquilo dava-lhe o ar de alguém que vivia plenamente, e isso era algo que apetecia sempre partilhar.

Como é que, duas horas depois, ela se tinha metido no carro do Sean Lurie e meia hora mais tarde se tinham visto parados em Montrose, bem no interior de Binnorie Woods, não tinha bem a certeza.

Sempre tinha ouvido dizer que, depois, se ficava com um ar diferente.

Mas só da primeira vez, tinha dito Gabby, que não o fizera mais de duas vezes. Para te lembrares para sempre, acho eu. Deenie não percebia como é que alguém se poderia esquecer daquilo.

Depois, olhas para o espelho, tinha dito Gabby, e nem sequer te reconheces.

O problema era que Deenie nunca tinha realmente engolido aquele discurso. Dava-lhe a ideia de que era uma daquelas coisas que lhe diziam para fazer com que ela ficasse eternamente à espera de uma coisa que todos os outros faziam sem preocupações. Só não queriam que ela também entrasse para o clube.

Ainda assim, ao ver-se ao espelho da casa de banho depois de voltar para casa, percebeu que Gabby tinha tido razão.

Em parte eram os olhos — de alguma forma mais estreitos, menos brilhantes — mas era sobretudo a boca, que tinha ficado com um aspeto tenro, pisado, e para sempre entreaberta.

Com as mãos firmadas na borda do lavatório, os olhos pousaram na loção de pós-barbear do pai, no frasco verde-escuro, a mesma marca que ele usara durante toda a vida da filha. Lembrou-se então de que também ele tinha ido a um encontro.

E então apercebeu-se: no caso dela não tinha havido de facto qualquer encontro romântico.

* * *

Agora, ali na aula, todos aqueles pensamentos lhe dançavam na mente, e não conseguia concentrar-se, mais ainda com o baloiçar da cadeira de Lise, que fazia toda a mesa vibrar.

— Lise — avisou a sra. Chalmers. — Estás a perturbar toda a turma.

— Está a acontecer, está a acontecer — veio um estranho aviso da delicada e rosada boca de Lise. — Uh-uh-uh.

As mãos subiram-lhe velozmente, e ela agarrou a própria garganta, enquanto todo o corpo dava um salto para o lado.

E depois, num movimento contínuo — como se um dos membros da equipa de futebol americano tivesse pegado no móvel com o seu antebraço musculoso e o tivesse atirado para longe —, a mesa rodou no ar e foi embater com estrondo no solo.

E com ela também a própria Lise. O pescoço torceu-se e a cabeça dela chocou contra as lajes, enquanto a face, pintada de vermelho vivo, ficava bem à vista de todos, a boca a espumar sem controlo.

— Lise — suspirou a sra. Chalmers, que lá da frente não se tinha apercebido do que realmente se passara. — Qual é o teu problema?

Eli Nash estava encostado ao seu cacifo, já atrasado para a aula seguinte; não conseguia parar de olhar para a mensagem que tinha recebido, muito menos para a foto que a acompanhava. Uma miúda quase despida.

Eli, para ti xxxx!

Não conseguia reconhecer o número.

Não era a primeira vez que recebia uma coisa daquele género, mas ainda assim nunca deixava de ficar surpreendido. Tentou imaginar o que lhe teria passado pela cabeça, àquela miúda sem rosto. Unhas pintadas em tom púrpura, a tocarem levemente na bainha das cuecas, também elas da mesma cor, mas com grandes pintas brancas.

Não fazia ideia de quem pudesse ser.

Será que ela queria que ele respondesse e que a convidasse a ir lá a casa? Para a levar às escondidas para o quarto e lhe abrir as pernas acolhedoras até se satisfazer?

Algumas vezes fizera precisamente isso. Dissera-lhes para aparecer, e levava-as para o quarto sem dizer nada ao pai. A última, uma miúda do oitavo ano a quem toda a gente chamava Shawty, tinha desatado a chorar, depois.

Confessou que tinha bebido quatro cervejas antes de ir lá ter, por causa dos nervos, mas não parava de se questionar, se teria posto as pernas na posição correta, se devia ter feito mais barulho.

Secretamente, ele desejava que ela tivesse feito muito menos barulho.

Desde aquele episódio que só conseguia pensar na irmã, no quarto do outro lado da parede. E desejar que a Deenie nunca fizesse uma coisa daquelas. Com algum tipo do mesmo género que ele.

E por isso agora, quando recebia mensagens daquelas, não respondia, pura e simplesmente.

O problema era que às vezes se sentia um tanto sozinho.

Na noite anterior todos os seus amigos tinham ido a uma festa, mas ele ficara em casa. Tinha planeado uma noite em família, talvez com um bocado de má televisão, e depois uns jogos de tabuleiro, daqueles que se acumulavam na cave, a ganhar bolor. Mas a Deenie não estava, e o pai tinha os seus próprios planos.

— Quem é ela? — perguntara, ao ver o pai vestir a camisola dos

encontros, a cinzenta-escuro com a gola em V que lhe dava o ar de um homem sério e empenhado.

— Uma mulher muito simpática, e muito inteligente — fora a resposta. — Espero conseguir estar à altura.

— Vais estar, sim — ripostara Eli. O pai era o professor mais inteligente da escola, e também a pessoa mais inteligente que ele conhecia.

Uma das vezes em que levara uma miúda para o quarto, e a estava a tirar de lá em segredo, tinha sido apanhado, mais ou menos. No corredor do piso de cima, o pai quase chocara com ela, no preciso momento em que ela ajustava a alça do top no ombro. Ele tinha olhado para Eli e depois para a rapariga, e ela tinha respondido com o típico sorriso de uma rainha de baile, título que aliás conquistara realmente.

— Olá, sr. Nash — soltara, em voz fina. — Imagine, tive um oitenta e cinco por cento a Química Dois, este ano.

— Bravo, Britt — fora a resposta do pai, que nem sequer se dera ao trabalho de focar nela o olhar. — Sempre soube que eras capaz de fazer melhor. Fico feliz por saber que me posso orgulhar de ti.

Depois do episódio, Eli tinha fechado a porta do quarto e posto a música em altos berros, na esperança de que o pai não resolvesse ir falar com ele e confrontá-lo com o sucedido.

E ele nunca o fizera.

* * *

Dryden era a cidade do Estado com maior período de céu nublado; durante a maior parte do ano o céu permanecia branco, e no resto do tempo era de uma espécie de cinzento de chumbo derretido, interrompido por inesperados e brilhantes raios de um Sol misterioso.

Fazia já vinte anos que Tom Nash vivia na cidade; tinha-se mudado para lá com a Geórgia no verão a seguir a terem obtido os seus certificados, e depois de ela ter arranjado emprego na equipa que estava a criar o novo gabinete de educação especial do distrito escolar.

Como era vulgar em quem ia para uma nova cidade para assentar, possuía o orgulho descomplicado de um autoproclamado nativo, mas misturado com um maravilhamento sempre renovado que um verdadeiro nativo não conseguia mostrar.

Durante o profundo vazio branco de fevereiro, quando os seus

alunos ficavam com um ar moroso, os rostos ligeiramente esverdeados como o musgo que crescia em redor de todas as casas, nunca se esquecia de lhes dizer que Dryden era especial. Que ele tinha crescido em Yuma, no Arizona, a cidade mais soalheira de todos os Estados Unidos, e que nunca tinha olhado para cima, até que um dia fora para um campo de férias e tinha de repente percebido que afinal havia um céu, e que ele estava repleto de mistérios.

Para os jovens de Dryden, claro, não havia qualquer mistério. Nem se apercebiam de quanto a cidade os tinha moldado, de como lhes permitia reterem, muito para lá da fase dos contos de fadas da infância, a possibilidade de experimentarem forças que estavam muito para lá do seu entendimento. A forma como o tempo se abatia sobre a cidade, lançando contra ela granizo, relâmpagos, misturas repentinas de sol e nuvens como Tom nunca tinha visto em nenhum outro lugar onde tivesse estado. Havia dias em que o vento de inverno rugia veloz sobre as cálidas águas do lago, e o Sol surgia inesperadamente a rasgar as nuvens, e os estudantes chegavam à escola com as faces geladas, com um ar espantado mas radiante. Como que a dizerem: *Tenho dezasseis anos, tudo me aborrece, a vida é uma chatice, mas hoje os meus olhos abriram-se por um segundo só para contemplarem esta visão.*

No primeiro ano que ele e a Georgia ali tinham passado, Dryden fora para ambos um permanente enigma. Chegavam a casa à noite, por entre a neblina que rodeava os candeeiros da rua, sacudiam a humidade, olhavam em volta, verificavam que as suas peles, em tempos de tom quase cobre, brilhavam de alvura, e maravilhavam-se perante a novidade.

Grávida de Eli, o corpo já a mudar, a gravidez a dar-lhe uma beleza etérea, Georgia tinha decidido que Dryden não podia ser um lugar real, e que era de facto uma espécie de lugar sonhado entre brumas. Uma Brigadoon¹ nos subúrbios, dizia ela.

Mas ao fim de algum tempo — embora a ele lhe tivesse parecido uma coisa súbita —, as coisas tinham mudado.

¹ Lendária povoação das Terras Altas da Escócia, que se materializa no nosso mundo apenas um dia em cada século; surgiu pela primeira vez num espetáculo musical da Broadway em 1947, e foi popularizada num filme com o mesmo nome, realizado em 1954 por Vincente Minnelli. [N. do T.]

Uma tarde, havia dois anos, tinha chegado a casa e dado com ela sentada à mesa da sala de jantar, a beber whisky por um boião.

Viver aqui, sentenciou ela, é como viver por trás do Sol posto.

E depois olhara para ele, como que à espera que ele dissesse alguma coisa que a pudesse convencer de que aquilo não era verdade.

Mas ele não conseguira pensar em nada para lhe dizer.

Não demorou muito até ficar a saber que ela tinha um caso, que já durava havia um ano, e que tinha engravidado. Ela abortou espontaneamente três dias depois, e ele tinha-a levado ao hospital, o sangue a escorrer-lhe pela perna, as mãos apertadas na dele.

Agora via-a talvez umas quatro vezes por ano. Ela tinha-se mudado para Merrivale, onde Eli e Deenie iam passar um fim de semana por mês e uns demorados dez dias em cada verão, dos quais regressavam bronzeados e felizes, o que os fazia sentirem-se tremendamente culpados assim que voltavam a vê-lo.

Em certos momentos negros, a meio de noites em que o sono lhe fugia, contemplava a certeza de que, na realidade, nunca compreendera a sua mulher; nem qualquer outra mulher, aliás.

Sempre que pensava que percebia Deenie, parecia que ela mudava completamente.

Pai, eu não oiço esse tipo de música.

Pai, eu já não vou passear para o centro comercial.

Recentemente, até o rosto dela parecia diferente, e aquela boca de boneca tinha desaparecido. A menina do papá que costumava trepar-lhe pela perna, o rosto virado para o dele. Que passava horas sentada na sua cadeira de leitura, a de couro, a cabeça enterrada nos livros da meninice do pai, sobre a mitologia grega, depois sobre a dinastia dos Tudors ou outra coisa qualquer.

— Vou de autocarro — anunciara ela nessa mesma manhã, já a sair, com aquelas pernas de palito a nascerem angulosas dos ténis nos pés.

— Eu posso levar-te — contrapusera ele. — Estás muito adiantada.

A Deenie nunca tomava o pequeno-almoço antes dele, pelo menos desde os tempos em que tinha dez anos, numa fase em que resolvera ser crescida, e em que lhe fazia waffles na tostadeira, de tal forma ensopados em molho meloso que depois ele tinha que passar o dia a limpá-lo do céu da boca com a ponta da língua.

Eli saía para o treino de hóquei às seis da manhã, e Tom apreciava

aquelas viagens a sós com Deenie, já que eram a única ocasião em que podia tentar desvendar algo da nebulosa adolescência feminina que lhe moldava a personalidade. E receber fugazes sorrisos dela, depois de lançar piadas sem graça sobre a música que ela ouvia.

Por vezes, depois de encontros como o que tivera na noite anterior — com uma professora substituta que se divorciara havia três meses, e que passara a maior parte do jantar a falar do seu gato, que estava a morrer —, levar a Deenie à escola era a única coisa que o fazia sair da cama pela manhã.

Mas naquela manhã não ia ser assim.

— Tenho um teste, e ainda tenho que estudar — dissera ela, sem sequer olhar para trás enquanto saía de casa.

Às vezes, durante aqueles momentos negros a meio da noite, enfrentava alguns medos secretos de que nunca falava em voz alta. Os demónios tinham vindo com a escuridão, envoltos naquele famoso nevoeiro de Dryden que corria veloz pela cidade, e tinham possuído a sua adorável, inteligente e carinhosa esposa. E um dia voltariam para também lhe tirar a filha.

Deenie não conseguia afastar do pensamento o ar na cara de Lise. Os olhos dela tinham-se escancarado poucos segundos depois de ter caído.

— Porque é que eu estou aqui? — tinha murmurado, enquanto piscava os olhos ferozmente, as costas arqueadas sobre o chão, as pernas dobradas de uma forma esquisita, a saia puxada para cima até à cintura, e a sra. Chalmers aos berros no corredor, a pedir ajuda.

Tinham sido precisos dois rapazes e o sr. Banasiak, da sala no outro lado do corredor, para a voltar a pôr em pé.

Deenie ficou a vê-los a levá-la pelo corredor, a cabeça apoiada no sólido ombro de defesa de Billy Gaughan, o longo cabelo cheio de pó do chão.

— Deenie, não — disse a sra. Chalmers, enquanto a segurava firmemente pelos ombros. — Tu ficas aqui.

Mas Deenie não queria de todo ficar ali. Não se queria juntar aos magotes de raparigas apinhadas a sussurrar por trás das portas dos caifos, e aos rapazes que espreitavam a saia ainda levantada nas costas de Lise enquanto ela dobrava a esquina do corredor, as pernas nuas apesar do tempo frio, a roupa interior a brilhar como néon.

* * *

Pouco depois, Deenie esgueirou-se para a casa de banho das raparigas e verificou que ainda sangrava ligeiramente, por causa do ocorrido na noite anterior. Quando andava, sentia-se estranha, como se partes das suas entranhas tivessem trocado de lugar. Nem pensar em vir para a escola no carro com o pai. E se ele reparasse? Sentia que todos conseguiam ver. Que sabiam o que ela tinha feito.

Tinha-lhe doído bastante enquanto acontecia, e depois tinha havido o repentino ar de espanto na cara de Sean Lurie, no momento em que ele se tinha dado conta. Quando ela já não tinha podido esconder o que era, e de repente já não era, aquilo que obviamente nunca tinha feito antes — pensar nisso agora fazia-a esconder a face, a mão fria e um dedo a tremelicar.

Devias ter-me dito, tinha ele protestado.

Dito o quê?

Abriu a porta da casa de banho e começou a percorrer o corredor apinhado, num passo rápido.

— Deenie, ouvi dizer uma coisa. — Era Gabby, que apareceu de surpresa por trás dela, nos seus sapatos sem saltos, que nunca faziam barulho. — Acerca de ti.

O rosto de Gabby parecia pleno de conhecimento recente, mas não havia forma de ela poder saber. O Sean Lurie era aluno do Star-of-the-Sea. Ninguém podia ter sabido tão depressa.

— Sabes o que aconteceu à Lise há bocadinho? — contrapôs, enquanto rodava para olhar de frente para a amiga. — Eu estava lá. Vi tudo.

As sobrancelhas de Gabby arrebitaram-se, e ela puxou os livros para mais perto do peito.

— O que foi? O que foi? — repetiu ela. — Conta-me tudo.

* * *

A princípio não a queriam deixar entrar no gabinete de enfermaria.

— Deenie, nem a mãe dela ainda chegou cá sequer — avisou a sra. Harris, a responsável pelo misterioso departamento de operações nas instalações escolares.

— Foi o meu pai que me pediu para saber dela — mentiu Deenie,

enquanto Gabby acenava solenemente ao seu lado, a confirmar a história.

A artimanha resultou, mas não para Gabby, que foi imediatamente despachada para a aula do segundo tempo, uma vez que não tinha privilégios do género o-meu-pai-é-professor-da-escola.

— Descobre tudo — murmurou ao ouvido da amiga, enquanto a sra. Harris a enxotava.

A porta do gabinete estava escancarada, e Deenie ouviu Lise a chamá-la. Toda a gente a ouviu, até os professores parados junto às suas caixas de correio.

— Deenie — chamou Lise. — O que é que eu fiz? Fiz alguma asneira? Quem é que viu?

Ao espreitar pela abertura, Deenie viu Lise deitada de lado na mesa de exame, os lábios manchados de espuma seca, um sapato pendurado do pé. Não tinha meias, e as pernas estavam em pele de galinha, e mais brancas do que a longa tira de papel sobre a qual estava deitada.

— Ela... ela mordeu-me. — A enfermeira Tammy segurava no seu próprio antebraço, que parecia ainda húmido. Trabalhava na escola havia pouco tempo e corria o boato de que, logo no primeiro dia, um finalista, membro da equipa de atletismo, que se tinha ido queixar de dores num joelho, lhe tinha sacado dois tilenóis com codeína.

— Deenie! — Lise rodou a cabeça e firmou as mãos na mesa, por baixo das pernas, e a enfermeira Tammy acorreu imediatamente, tentando ajudá-la.

— Deenie — repetiu a rapariga. — O que é que me aconteceu? Estão todos a falar disto? Toda a gente viu o que eu fiz?

No exterior do gabinete, a sra. Harris estava a discutir com alguém por um qualquer motivo, e depressa a austera voz masculina do diretor-adjunto se juntou a ela.

— Ninguém viu nada — afirmou Deenie. — Nem pensar. Estás bem?

Mas Lise não parecia conseguir concentrar-se, e as mãos dela não paravam de executar estranhas contorções no ar, como se estivesse a reger uma orquestra invisível.

— Eu... eu... — balbuciou, o pânico bem evidente no olhar. — Estão todos a rir-se de mim?

Deenie queria dizer-lhe qualquer coisa reconfortante. A mãe de

Lise, que nas melhores das circunstâncias já tinha uma ligeira tendência para o histerismo, devia estar mesmo a chegar, e ela sentia que tinha de ajudar a amiga enquanto tal era possível.

— Ninguém se está a rir de ti. Mas toda a gente viu as tuas cuecas da Hello Kitty, lá isso é verdade — adiantou, com um sorriso. — Agora vais ter que aturar os rapazes.

* * *

Enquanto saía, uma frieza começou a dominá-la. Tinha a sensação de que havia algo de errado com Lise, mas era algo grandioso e indefinido. Já tinha visto Lise a debater-se com enxaquecas, e com a mononucleose. Tinha visto outras amigas a vomitar nas traseiras da escola, depois de jogos de futebol americano, e a desmaiar na aula de ginástica, os corpos recheados de pílulas dietéticas e cigarros. Tinha visto Gabby a desmaiar na casa de banho das raparigas, pouco depois de ter dado sangue. Mas aquilo era diferente.

Esparramada no chão, de boca aberta e língua dependurada, Lise tinha-lhe parecido ser outra coisa qualquer, e não uma simples rapariga.

Devia ter sido a luz a dar-lhe essa impressão, disse para si mesma.

Mas quando olhara para Lise, de lábios arreganhados, tinha-lhe parecido, por um segundo apenas, ver qualquer coisa no interior da boca da amiga, uma coisa escura, como se fosse um morcego a agitar as asas.

* * *

— Sr. Nash, — lançou Brooke Campos, — posso ir à enfermaria? Sinto-me muito maldisposta.

— O que é que te pôs maldisposta, Brooke? — indagou Tom. Pelo menos uma boa dúzia de alunos não parava de se remexer na cadeira. Tinha acontecido qualquer coisa, e era fácil de perceber que todos eles tentavam aproveitar a oportunidade.

— É por causa da Lise. Vi-a toda desconjuntada no chão, e a coisa foi difícil de engolir.

Dois dos atletas, matulões que se sentavam ao fundo da sala, mal conseguiram reprimir gargalhadas de gozo. Parecia que iam às aulas apenas na esperança de ouvir frases de sentido dúbio lançadas de forma

acidental (ou talvez não) por raparigas como Brooke, eternamente bronzeadas e quase a rebentar com as t-shirts que usavam, tão apertadas que passavam o dia a subir-lhes pela barriga.

— O que é que aconteceu com a Lise? — quis saber Tom, enquanto pousava o giz. Conhecia Lise Daniels desde que ela tinha dez anos e começara a ir lá a casa, sempre de roda da Deenie, a segui-la de sala para sala. Às vezes, quase conseguia jurar que a ouvia a ofegar como um cachorrinho. Isso tinha sido no tempo em que ela não passava de uma miudinha rechonchuda, com o aspeto de um gnomo, antes de a barriga fofa que fazia lembrar o peito de um pardal ter desaparecido e, quase num repente, ela se ter transformado numa jovem espantosamente bela, com grandes olhos de corça e uma boca permanentemente entreaberta.

Nunca tivera realmente noção de quem ela era; sabia apenas que tocava flauta, que tinha os joelhos permanentemente esfolados por causa do futebol, e que parecia sempre deslocada ao lado da sua brilhante e complicada filha, e da sua ainda mais complicada amiga Gabby.

Fazia quatro anos que o pai de Gabby, cheio de cocaína, tinha resolvido modificar o *Acura* da mulher à martelada. Quando a mãe de Gabby o tentara impedir de continuar a obra, o martelo tinha-a apanhado quando descia com toda a força, e fizera-lhe um enorme rasgão ao longo do rosto e do pescoço.

Ela tinha recuperado, embora agora todos os miúdos do colégio onde dava aulas lhe chamassem Scarface às escondidas.

O pai fora condenado a sete meses de prisão; depois disso, tornara-se agente imobiliário no condado vizinho, e fazia reaparições ocasionais e muito pouco apreciadas.

Pelos corredores da escola era fácil de ver: Gabby trazia consigo o brilho da experiência, tal uma rainha das trevas que deixava por onde passava um rasto de sangue.

Era difícil conceber que raparigas assim percorriam os mesmos corredores que outras do género de Brooke Campos, cujos polegares já tinham calos devido ao teclar incessante de mensagens, ou até as do género suave como Lise.

— Sr. Nash, — recomeçou Brooke, fazendo rebolar a ponta da caneta na boca, como se só pensar naquilo lhe custasse imenso, — foi realmente traumático.

Ele resolveu tentar de novo.

— Bom, mas então o que é que aconteceu à Lise?

— Teve um grande mal na aula de Álgebra Dois — anunciou Brooke, os olhos muito abertos.

Os matulões desataram a rir outra vez.

— Um grande mal? — perguntou Tom, enquanto franzia os olhos.
— Um ataque?

Na fila da frente, a marrona da Jaymie Hurwich remexeu-se na cadeira, como se lhe doesse alguma coisa, e levantou a mão.

— É verdade, sr. Nash — disse ela. — Eu não assisti, mas disseram-me que ela estava a espumar da boca, como um cão. Tive um cão a quem isso aconteceu uma vez. — Fez uma pausa. — E ele morreu, sr. Nash.

Enquanto tentava ignorar o peso que começava a sentir no peito, olhou para Brooke, e depois para toda a turma.

Tentava encontrar qualquer coisa que pudesse dizer.

— Portanto... — insistiu Brooke, enquanto começava a levantar-se da cadeira — ... posso ir à enfermaria?

* * *

Depois do segundo tempo, foi dar com Deenie embrenhada no seu cacifo quase até à cintura, à procura de qualquer coisa.

— Querida, o que é que aconteceu à Lise? — perguntou, enquanto apoiava suavemente uma mão nas costas da filha.

Ela virou-se devagar, com um dos braços ainda metido na confusão do cacifo.

— Não sei, pai.

Durante um segundo ela não levantou o olhar para ele, mantendo-o preso aos miúdos que passavam no corredor, de um lado para o outro.

— Mas tu assististe?

— Pai — disse ela, enquanto lhe deitava aquele olhar que lhe fazia doer o peito desde o tempo em que ela tinha apenas quatro anos. — Não quero falar disso agora.

Agora queria dizer ali: Não na escola, pa-ai.

O que queria dizer que ele tinha de a deixar ir, ficar a ver o rabo de cavalo escuro a baloiçar ao longo do corredor, a cabeça baixa numa posição furtiva, o capucho vermelho do blusão enrugado no pescoço, ajudando-a a esconder-se.

Aquela hora, Eli Nash já devia estar nas aulas. O treino já tinha acabado havia algum tempo, mas ele continuava a dar voltas ao ringue de gelo nas traseiras da escola. Em absoluto silêncio, se descontasse o ligeiro zumbido do equipamento de refrigeração.

Ao olhar para a escola, descortinou Gabby Bishop na biblioteca. Estava de costas para ele, encostada à vidraça, o que lhe fazia lembrar uma daquelas borboletas espalmadas e conservadas entre placas de vidro.

Deenie, Gabby e Lise. O Trio Grande. Sempre juntas, a sussurrar umas às outras, numa proximidade que lhe despertava a curiosidade. Perguntava-se qual seria a sensação. Ele nunca se queria misturar com os amigos, embora reconhecesse que de alguma forma já o fazia frequentemente, sempre que jogava hóquei.

Às vezes era aborrecido. A forma como aquelas três se juntavam numa espécie de novelo, lá em casa. Ouvia-as muitas vezes à noite, através da parede, a rirem.

Nos últimos tempos, Lise e Gabby não pareciam ir lá a casa tantas vezes, ou talvez tivesse sido ele a deixar de reparar nisso. Mas era sempre estranho ver miúdas a rirem-se juntas e não se saber a razão para tal. Às

vezes ficava com a ideia de que elas sabiam uma data de coisas que ele desconhecia.

Outras vezes perguntava-se se elas teriam a mais pequena noção das coisas.

Sobre os rapazes, não faziam a mínima ideia, tanto quanto ele podia concluir. Pelo menos não sabiam as coisas de que ele gostaria que a irmã tivesse consciência. Apanhava-a a olhar fascinada para Ryan Denning, ou para o tipo que ganhara a Batalha das Bandas. Aquela expressão sonhadora que se estampava na cara dela, e que revelava tudo o que sentia. Muito provavelmente a sonhar com um grande amor e um romance eterno. Só que ela não percebia o que eles viam quando olhavam para ela: uma miúda, de lábios entreabertos, a cabeça num gesto convidativo. Tudo o que eles viam era *Estou pronta. Vamos a isso*.

— Nash — chamou uma voz.

Eli levantou de novo o olhar e viu A.J., o capitão da equipa, de boné de baseball bem enterrado na cabeça para tentar ocultar o cigarro.

— Meu, — começou, — nem sabes o que perdeste. Esta manhã tive direito a uma espreitadela ao belo e branco rabinho da Lise Daniels. — Inclinou a cabeça na direção do edifício da escola. — Vamos. Sabe-se lá o que vai acontecer a seguir.

Eli sentiu o ar a entrar-lhe nos pulmões, tão frio que quase fazia doer. Sentia-se bem ali fora, e só encarar A.J. fazia-o sentir-se cansado. Todo aquele esforço, o boné no ângulo correto, o blusão aberto. Um cretino pretensioso.

— Ná — respondeu. — Ainda não.

A.J. sorriu.

— Percebo-te — comentou.

Eli anuiu, e empurrou o gelo com os patins, deslizando de costas.

— Diz olá à tua irmã por mim — gritou-lhe ainda A.J.

Enquanto virava a cabeça, Eli sentiu um patim a prender-se num ramo caído.

* * *

A biblioteca da escola era uma espécie de estufa envidraçada, que dava para um riacho quase entupido de lama; como de costume, lá dentro imperava o sossego.

Deenie foi dar com Gabby por trás da bancada de computadores cinzentos, na parede do fundo. Estava sentada no chão, os joelhos encolhidos, os tênis apoiados aos grossos volumes de referência que ocupavam a prateleira mais baixa da estante em frente.

Como de costume, estava ladeada por outras duas raparigas.

Aninhada à direita dela, estava Kim Court, com o seu pesado aparelho nos dentes, na sua pose habitual, a segredar parvoíces ao ouvido de Gabby.

E à esquerda sentava-se Skye Osbourne, cuja cabeleira platinada cobria as lombadas de vários Atlas bafientos por trás dela. Ultimamente a Skye andava sempre por perto, com aquela juba e as suas camisolas de longas mangas, que lhe davam um ar de louva-a-deus.

As três levantaram o olhar assim que deram pela chegada de Deenie.

— Então, o que é que descobriste? — disparou Gabby, os dedos a batucar nos lábios.

— Nada — respondeu Deenie, enquanto se deixava deslizar para o chão ao lado de Kim.

Queria estar ali a sós com Gabby. Sem outras raparigas por perto, poderiam falar sobre a Lise sem interrupções.

Aquele era o lugar preferido de todas para se encontrarem. Tinha um ar escondido, esquecido. As enciclopédias dos anos 80, com as suas letras douradas a anunciarem *World Book*. O cheiro a cola velha e a papel que começava a desfazer-se, a alcatifa industrial que lhes queimava as mãos.

Fazia Deenie recordar-se das brincadeiras das meninas, sempre a inventar pequenos esconderijos, lugares secretos. Como os meninos faziam com os seus fortes. Lembrava-se do Eli com um amigo a empilharem as almofadas do sofá, a fingirem que eram atiradores furtivos. As meninas não lhes chamavam fortes, mas no fundo não havia grande diferença.

Tinha sido ali que Deenie e Gabby haviam trocado as primeiras palavras, no primeiro ano de liceu, ambas ali escondidas, as cabeças enterradas em livros idênticos (uma coisa qualquer sobre anjos, quando esse tema era o único que lhes despertava interesse). Tinham trocado olhares furtivos e cúmplices, sorrindo uma à outra.

— Estiveste com ela antes das aulas? — quis Deenie saber.

— Não, já estava atrasada — ripostou Gabby. — A Skye não encontrava a bolsa.

— Estará ela grávida? — sugeriu Kim, a língua a surgir por entre todos os arames que lhe prendiam os dentes.

— A Lise? — espantou-se Deenie. — Não. Claro que não.

— As grávidas estão sempre a desmaiar — insistiu Kim, enquanto puxava as meias para cima e se encostava a Gabby de tal forma que quase parecia querer sentar-se ao colo da outra.

— Ela não está grávida — enfatizou Deenie. Virou-se para Gabby. — A mãe veio buscá-la e levou-a para casa.

Gabby assentiu, enquanto contemplava as próprias mãos, cerradas sobre um caderno. Deenie sabia que também ela gostaria que estivessem ali só as duas. Desde aquela primeira semana do seu ano de caloiras que se tinha tornado difícil encontrar Gabby sozinha — pelo menos na escola, onde outras raparigas se prendiam a ela como fios de borlas.

— Como é que podemos ir às aulas enquanto isto se passa? — opinou Kim. — Devíamos era ir a casa dela.

— Mas alguma vez foste à casa da Lise, por acaso? — contrapôs Deenie. Kim e Lise ocupavam polos radicalmente opostos no grupo de amigas. Um ano mais nova e cheia das ambições típicas de uma aluna do oitavo ano, Kim esforçava-se por se promover de todas as maneiras possíveis; oferecia boleias, sombra para os olhos, da mais cara, surripia-da à mãe, cartões de oferta do trabalho que tinha no centro comercial. Era o tipo de rapariga que se tinha tornado parte do grupo de amigas só porque. O contrário de Lise, que Deenie conhecia desde a terceira classe, com quem partilhava roupas, até a interior. Três dias antes até a tinha ajudado a soltar um tampão preso, a Lise a rir-se sem parar, a remexer a bacia em movimentos ridículos, para tentar ajudar.

Era por isso que sabia que Lise não estava grávida. Por isso e por outras razões, sobretudo o facto de a amiga ainda ser virgem.

— A questão é — fez notar — que não nos vão deixar sair da escola assim sem mais nem menos.

— Talvez tenha sido uma reacção alérgica — comentou Skye, pensativa, enquanto enrolava um tubo de cabelo contra o rosto. — Não costumamos ter coisas desse género?

Todas olharam de imediato para Kim, que era de facto alérgica a quase tudo, o que fizera com que existisse uma página do manual de segurança da escola que lhe era exclusivamente dedicada. Frutos secos, ovos, trigo, leveduras, marisco, até mesmo alguns tipos de papel.

— Não me parece que tenha sido isso — desdisse Kim, pouco inclinada a partilhar o seu estatuto especial. Depois, chegando-se ainda mais a Gabby, e abrindo muito os olhos: — Oh, meu Deus, se calhar é alguma coisa que tem a ver com aquele tipo.

Deenie interrompeu.

— Qual tipo?

— Tu sabes — soltou Kim, enquanto baixava o olhar e o tom de voz. — Não sabes? — Os lábios dela reluziam, como quando tinha o carro da irmã à disposição e fazia dançar as chaves no ar à frente de todas, como se tal facto mudasse tudo. — Ela não te disse?

— Não há tipo nenhum — insistiu Deenie. — Para de inventar histórias.

Doida por rapazes, era o que a sra. Enright, a professora de Inglês, chamava à Lise. Mas quem é que a podia criticar? Nem um deles tinha perdido um momento a olhar para ela, e depois, de repente, nenhum conseguia afastar o olhar. No verão passado, na grande festa e churrasco do Quatro de Julho, ela tinha levado um fato de banho branco com anéis de bambu, e o irmão mais velho de alguém, que já andava na faculdade, começara a chamar-lhe La Lise, e até lhe mandara por e-mail uma canção que ela tinha inspirado, com o seu biquíni de-Lise-cioso.

A mãe dela nunca a deixaria sair com aquele tipo, mas o acontecimento tinha feito despertar qualquer coisa nos outros rapazes, e provocara em Lise uma espécie de febre, fazendo-a decidir subitamente que todos os rapazes eram fa-bulosos, sem exceções.

Depois disso, Lise tinha resolvido solenemente que não voltaria a ter aquela gordura de criança, e todas as manhãs mordiscava salsa crua ou bebia um batido esverdeado, um líquido com ar de ter sido retirado de um pântano, que trazia no seu termo com o logotipo da Dryden Wind & Strings. Era a única maneira de manter a linha, achava ela, porque a mãe continuava a obrigá-la a beber todas as noites um copo cheio de leite enriquecido que, apesar de a mãe lhe dizer o contrário, ela tinha a certeza de que estava cheio de gordura pronta a ir acumular-se nas suas coxas. *Se calhar ela quer mesmo que eu seja gorda*, dizia Lise, *porque também está sempre a fazer pão de canela, e sabe perfeitamente que eu não consigo parar de o comer*.

— Vocês já devem ter ouvido — continuou Kim, enquanto olhava para Gabby e depois para Skye, que nem parecia estar a escutá-la,

enquanto brincava com os dedos na bainha rendada da saia elaborada, de aspeto antigo, quase barroco.

Gabby abanou a cabeça.

— A Lise não tem namorado — afirmou, o olhar preso a Deenie.

— Pois — insistiu Kim, com um sorriso enigmático. — Mas eu não disse que ele era o *namorado* dela.

— Mas o que teria um tipo qualquer a ver com o facto de ela ter desmaiado, afinal? — lançou Deenie. — Ela não está grávida.

— Pode ser uma data de coisas, sem ter nada a ver com gravidez — confirmou Skye, ainda de olhar perdido no cabelo que enrolava entre os dedos repletos de anéis.

— Como por exemplo? — inquiriu Kim, enquanto se punha de joelhos e retomava a questão com renovado vigor.

— Conheço uma rapariga que em tempos apanhou uma coisa qualquer de um tipo, mais velho, que era relações públicas de uma discoteca — anunciou Skye. — Ele tinha um casarão ao pé do lago, e ofereceu-lhe uns charros tailandeses, daqueles com fio vermelho, bestiais. Ele foi de viagem para as Filipinas, e ela acordou com tricomonas. É um parasita sexual. Fura para dentro do teu corpo.

Por momentos, ninguém disse nada. Havia qualquer coisa que fazia com que se pudesse confiar em Skye quando se tratava de assuntos daquele género. Era parte da sua mística. O cabelo platinado, o casaco surrado de loja de roupa em segunda mão, os braceletes de escravo, as botas de cowboy em vinil verde. A tia, de nome Sunny, uma artista com quem ela vivia mas que Deenie nunca tinha visto, e que deixava o ex-namorado de Skye passar as noites lá em casa, apesar de supostamente já ter vinte e seis anos, e de também nunca ninguém lhe ter posto a vista em cima. O boato mais espalhado dizia que era um antigo aluno da tia, talvez mesmo um antigo namorado. Depois de terem acabado, Skye tinha ido todos os dias para a escola com o casaco dele, de cabedal preto e comprido, como o do *Shaft*, até que uma chuvada mais forte o tinha arruinado.

— Bom, se calhar não tem nada a ver com rapazes — recuou Kim, a olhar para elas e a morder os lábios. — Se calhar a Lise está simplesmente doente.

Deenie pegou no telemóvel e começou a escrever.

Enviou a mensagem, ***rblar olhos***, a Gabby, cujo telefone deu imediatamente sinal.

Gabby olhou para o visor e sorriu. Kim olhou para as duas com um ar desconfiado.

Ninguém disse nada, e os olhos de Kim continuaram a saltar entre uma e outra.

— Bem, — disse ela, enquanto se levantava e puxava as meias para cima, as que eram iguaizinhas ao par preferido de Gabby, com riscas prateadas, — tenho uma data de coisas para fazer.

— ‘Té já — despediu-se Deenie, e ficaram todas a vê-la afastar-se.

Deenie aproveitou para se chegar para junto de Gabby, de tal forma que as cabeças das duas se tocaram.

Skye também se levantou, e pegou na bolsa, e Deenie sentiu-se antecipadamente feliz. Ia finalmente ter Gabby só para si.

Mas nessa altura também Gabby se pôs de pé, e deu o braço a Skye para que esta a ajudasse a levantar-se.

— Adeus, Deenie — lançou Skye, já a virar-se.

— Até já — disse Gabby, enquanto soltava um ligeiro sorriso, como que a pedir-lhe desculpa. — Espero que no próximo período fiquemos no mesmo turno de almoço.

— Pois — respondeu Deenie, a vê-las irem-se, as cabeleiras — escura a de Gabby, branca a de Skye — a oscilarem em sincronia, as meias em tons metálicos a condizerem. Lá iam as duas outra vez juntas. Uma coisa que tinha acontecido com frequência ultimamente, como na semana anterior no lago, e noutras ocasiões. As duas a irem-se embora juntas e a deixá-la para trás.

* * *

— Nash, vai para a aula, mexe-te.

A cara do treinador Haller estava sempre vermelha, era como um tomate de cabelo curto. O pai dizia que ele tinha o mesmo ar de todos os treinadores que alguma vez conhecera.

— Sim, senhor — anuiu Eli, enquanto se levantava do banco no balneário. Estava com aquela bizarra sensação de frio e calor simultâneos, que resultava dos duros treinos no ringue lá fora, o chuveiro quente logo a seguir, a escola sempre cheia do calor forçado da fornalha, que era distribuído por todo o edifício.

Tinha passado um longo período a olhar para a fotografia no

telemóvel, a da miúda de roupa interior púrpura. Havia ali qualquer coisa estranha.

E depois havia a outra coisa. Um boato que apanhara nessa manhã, sobre a irmã. Alguém a tinha visto a entrar para um carro na noite anterior, com um tipo. E depois ainda havia o A.J. com aquele idiota ar pretensioso.

Aquilo tudo, e ter passado tanto tempo a olhar para aquelas cuecas de tom púrpura, a pele da rapariga lustrosa, como parecia que a pele delas estava sempre. Começou a sentir-se um tanto esquisito.

Às vezes gostaria de não ter uma irmã, embora adorasse Deenie e ainda se recordasse bem do que sentira quando vira o outro miúdo, o Ethan, a empurrá-la para fora do baloiço no pátio da escola, no quinto ano. E de como o tempo parecia ter acelerado, e tinha dado por si a empurrar o outro miúdo contra a vedação, e a rasgar-lhe o casaco. O olhar de admiração que a irmã lhe lançara depois disso, a forma como os pais se tinham tentado mostrar zangados com ele, embora fosse evidente que não era isso que sentiam realmente.

Hoje em dia tudo era diferente. Havia aqueles momentos em que se via obrigado a pensar nela não apenas como a Deenie, e sim como aquela miúda que pendurava os tops justos por cima da cortina do chuveiro. Como flâmulas brilhantes, como as fitas que as miúdas da claque manejavam nos jogos.

Às vezes apetecia-lhe mesmo não ter uma irmã.

* * *

— Diz-me lá outra vez o que disse a Lise — pediu Gabby quando se encontraram outra vez, entre aulas. — Quando a viste.

— Queria saber o que se tinha passado com ela — relatou Deenie. — Estava mesmo assustada.

Não se conseguia lembrar de mais nada, tudo tinha acontecido tão depressa. E depois aquelas insinuações torpes de Kim, e a Skye e a sua frieza inquietante, tudo se amontoava sobre as suas próprias funestas impressões. Não conseguia pensar. Só conseguia visualizar o rosto de Lise, a forma como as suas pernas nuas se tinham desconjuntado quando ela caíra.

— Devíamos ir ver como ela está — propôs Gabby, enquanto coçava a palma da mão. — Ver se está bem.

— Sair da escola?

— Claro.

— Vamos ser apanhadas — avisou Deenie. — Tu sobretudo. — Gabby tinha tido dois castigos no mês anterior, um por ter sido apanhada a fumar charros na sala dos fornos e outro por ter sido apanhada fora do recinto da escola em período de aulas, quando se esgueirava para casa de Skye, que ficava a uns quarteirões dali.

— Então vais tu. Não vais ter problemas — concordou Gabby. — O teu pai há de perceber.

— Não tenho assim tanta certeza — contrapôs, embora soubesse que ia fazê-lo. Gabby tinha razão. Alguém tinha que ir ver o que se passava.

* * *

A viagem de autocarro foi curta, e ninguém a viu.

Lise vivia com a mãe num duplex, na Easter Way. Apesar dos muitos anos de amizade que as uniam, Deenie tinha passado muito pouco tempo naquela casa.

— A minha mãe não gosta que eu faça muito barulho — era a desculpa que Lise invocava sempre. A verdade é que elas nunca tinham sido particularmente barulhentas. Lá em casa passavam a maior parte do tempo a ver filmes, deitadas na cama de Deenie, a ouvir música e a conversar sobre os planos de um dia viajar por África, alimentar raias à mão em Bora Bora, montar cavalos árabes num deserto, algures.

Mas a mãe de Lise preferia tê-la em casa ao pé de si, sobretudo nos últimos tempos, quando a filha se tinha começado a parecer cada vez mais com ela própria no tempo em que era modelo, e em que tinha aparecido no catálogo da *Siegel* e em feiras comerciais, de cabelo louro e seios como globos.

— Sim, ela é uma mulher adorável — respondera o pai de Deenie, quando Lise tinha sugerido, uma vez, que ele a convidasse para saírem juntos. — Adorável.

Tinha-o dito de uma forma extremamente educada, como da vez em que Deenie lhe tinha mostrado o biquíni que a mãe lhe comprara no verão anterior. Depois desse episódio, Deenie tinha-o encafuado no fundo da gaveta e nunca o usara.

— Sr. Nash, acho que ela ficaria muito feliz se arranjasse um namorado — tinha insistido Lise, sem tirar dele os olhos, enquanto ele tentava concentrar-se nos muffins que estava a preparar, e a tostadeira dava sinal debaixo do seu nariz.

— Lise, — tinha indagado Deenie mais tarde, — tu mal a aturas. Porque é que o meu pai havia de sofrer o mesmo destino?

Tinha lamentado aquelas palavras no momento em que as proferira.

Mas Lise limitara-se a suspirar, resignada, embora o seu belo rosto se fechasse ligeiramente.

— Só gostava que ela tivesse alguma coisa com que se entreter. Para lá de vasculhar a minha página do Facebook.

* * *

Enquanto percorria os três quarteirões que distavam entre a paragem do autocarro e a casa, Deenie sentia-se segura de que tinha tomado a decisão correta.

Todavia, quando chegou à porta da frente, já tudo lhe parecia um tremendo erro. Mas tinha prometido a Gabby e, de qualquer maneira, dava ideia de que não estava ninguém em casa.

Um longo minuto se escoou depois de tocar à campainha.

Sentia uma impressão estranha no pensamento, como se soubesse alguma coisa muito importante, mas não conseguisse determinar o que ela significava verdadeiramente. Fazia-a lembrar o dia em que a mãe tinha resolvido sair de casa. A manhã silenciosa, as chaves de casa deixadas, abandonadas, em cima da mesa da cozinha.

O pai tinha passado horas infindas a limpar a rampa de acesso à garagem, o passeio à frente da casa. Tinha chegado a pensar que também ele nunca mais voltaria a entrar em casa.

De repente, a porta abriu-se. Surgiu uma mulher mais velha, de cabelo branco e curto, o casaco meio aberto, a mala a escorregar do ombro.

Deenie pensou que era com certeza a avó de Lise, mas as avós das amigas tinham mais ou menos todas o mesmo aspeto.

— Oh! — soltou a mulher, surpresa. — Minha querida, o que estás tu aqui a fazer?

— Vim saber como estava a Lise — respondeu Deenie. — Eu estava lá quando...

— Ela não está cá — interrompeu a mulher, as mãos agitadas, as chaves do carro presas entre os dedos vermelhos. — Levaram-na para o hospital. Vou para lá agora mesmo.

Por trás dela, via-se uma mesa baixa derrubada, e um tapete todo enrugado. Havia no ar um cheiro acre, a vômito.

— O que é que aconteceu? — indagou Deenie, num tom esganiçado. — Onde está a Lise?

As chaves do carro pareceram saltar das mãos da mulher, precipitando-se para o chão de cimento da entrada, onde tilintaram. Ambas se dobraram para as apanhar. Deenie notou a respiração acelerada e nervosa da mulher. Ela pegou nas chaves que a jovem lhe ofereceu e respirou fundo.

— Querida, — disse, as mãos nos ombros de Deenie, como se ela tivesse outra vez sete anos, — volta para a escola, sim?

Antes que Deenie pudesse pedir o que realmente lhe apetecia — *Posso ir consigo? Eu tenho mesmo que ir* —, a mulher já estava a correr pelos degraus abaixo para o carro, e tinha aberto a porta.

Deenie voltou a contemplar o estado da sala. Um rasto de vômito, uma luva de látex rasgada. Imaginou Lise ali deitada, a cabeça a bater no soalho.

Lise no chão da sala na escola, os olhos negros.

E ela própria a sentir os joelhos a fraquejar, como se não tivesse comido nada. Outra vez a sensação da importância daquele dia, muito para lá daquilo que se poderia desejar.

Lise.

Tinha passado tanto tempo à espera que a vida começasse — o último, os dois últimos anos, repletos de primeiras vezes, todas elas novas, importantes e aterrorizantes à sua maneira — e depois ela começava mesmo e percebia que não era nada daquilo de que estava à espera, ou que tinha desejado.